

## O GÊNERO DIÁRIO PESSOAL: COMO SE CONFECCIONA O ÍNTIMO

### THE GENRE PERSONAL DIARY: HOW THE INTIMATE IS BUILT

Márcia Helena de Melo Pereira<sup>1</sup>  
 Jocelma Boto Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** De acordo com Bakhtin (1997), é enquanto inscrito em um gênero do discurso, vinculado a certo campo da atividade humana, que o sujeito se apropria da linguagem e se constitui. Alguns desses campos possuem mais proximidades com as atividades diárias dos indivíduos do que outras e produzem gêneros mais maleáveis, que permitem maiores intervenções individuais, como é o caso do diário pessoal. Devido ao caráter íntimo desse gênero, ele nos chamou a atenção e nos convidou a analisá-lo mais de perto. Neste trabalho, propomos investigar o gênero diário pessoal, a partir da análise de dois exemplares escritos por pessoas comuns, na tentativa de conhecer um pouco mais a respeito do gênero, de seus escreventes e de como se dá a relação deles com a linguagem. Para tanto, dois sujeitos adultos, do sexo feminino, nos forneceram seus diários para análise. Teoricamente, baseamos nos pressupostos de Mikhail Bakhtin (1997) sobre os gêneros do discurso e nos trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador Philippe Lejeune (2008) acerca de textos autobiográficos escritos por pessoas comuns. A análise desses diários revelou que, além de registrar vivências e sentimentos dos sujeitos, eles serviram como instrumento de oração para um deles e como meio de criação de uma imagem pública de si para o outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero do discurso; escrita íntima; diário pessoal

**ABSTRACT:** According to Bakhtin (1997), is as the genre entered into a speech, linked to certain field of human activity, that the subject of language and appropriates constitutes. Some of these fields have more close with the daily activities of individuals than others and produce more malleable, genres that allow greater individual interventions, as in the case of personal journal. Due to the intimate character of this genre, it attracted our attention and invited us to examine it more closely. In this paper, we investigate the personal diary genre, from the analysis of two documents written by ordinary people, in an attempt to learn a little bit more about the genre, of the writers and how their relationship with the language. To this end, two adults female people, provided us with their personal logs for analysis. Theoretically, we rely on the assumptions of Mikhail Bakhtin (1997) on the genres of discourse and the work developed by researcher Philippe Lejeune (2008) about autobiographical texts written by ordinary people. The analysis of the diaries showed that, in addition to record experiences and feelings of the people, they were used as instrument of prayer to one of the person and as a means of creating a public image of himself, to the other.

**KEYWORDS:** genre of speech; intimate writing; personal diary

<sup>1</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB. E-mail: [marciahelenad@yahoo.com.br](mailto:marciahelenad@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Graduada em Letras Vernáculas (UESB). Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB). E-mail: [jocelmaboto@gmail.com](mailto:jocelmaboto@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Inúmeras pesquisas linguísticas realizadas nas últimas décadas têm mostrado a importância de determinados conceitos propostos por Bakhtin e seu Círculo para o domínio das ciências da linguagem e da literatura. Conceitos como campo da atividade humana, polifonia, enunciado, gêneros do discurso, dentre muitos outros, oriundos do Círculo, deixam entrever os aspectos sociais e discursivos da linguagem, assim como sua natureza ao mesmo tempo onipresente e diversa.

Dentre as propostas lançadas pela perspectiva bakhtiniana, o conceito de gênero do discurso é provavelmente um dos mais citados e discutidos no Brasil; tanto é assim que ele está incluído em documentos oficiais de ensino/aprendizagem e em materiais didáticos. No entanto, trata-se de um conceito complexo, uma vez que os gêneros não são meros entes formais, mas se definem, sobretudo, por critérios sociodiscursivos e funcionais, conforme salienta Marcuschi (2003).

Segundo o teórico russo, os gêneros surgem nos diversos campos da atividade humana, por isso incluem toda gama de diálogos cotidianos, bem como enunciados da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica. Como a atividade humana é virtualmente inesgotável, a variedade e a heterogeneidade dos gêneros orais e escritos comportados nesses campos de utilização são infinitas, contudo passíveis de serem captadas em suas particularidades.

Alguns desses campos, no entanto, possuem maior proximidade com as atividades diárias dos indivíduos; outros, menor. Este trabalho procura investigar um gênero pertencente ao campo confessional: o diário pessoal. Apesar de a prática de escrita íntima ser antiga, a sua recorrência ainda é bastante atual, abarcando desde os suportes mais tradicionais, como o papel, até os novos suportes tecnológicos, como a internet<sup>3</sup>. Mesmo atravessando os tempos, algumas especificidades desse gênero não modificaram tanto: muitos diaristas continuam a manter sua escrita em sigilo.

Devido a esse caráter íntimo, o diário pessoal nos chamou a atenção e nos convidou a investigá-lo mais de perto, detendo nosso olhar na seleção dos assuntos a escrever, na escolha de determinados elementos linguísticos para configurá-lo, nas funções que o sujeito assume dentro do gênero, na presença de recursos visuais inseridos nesses textos, como embalagens

---

<sup>3</sup> Estamos considerando a internet como suporte, em conformidade com Marcuschi (2008). De acordo com o linguista, a internet alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos (MARCUSCHI, 2008, p. 186).

de produtos, figuras etc. Resumidamente, buscamos investigar os elementos linguísticos e/ou discursivos inseridos por dois sujeitos em diários que escreveram, na tentativa de conhecer um pouco mais a respeito desses sujeitos e de sua relação com a linguagem, o que nos leva a conhecer um pouco mais a respeito do próprio gênero em si.

Para alcançar nossos objetivos, analisamos dois diários escritos manualmente por dois sujeitos diferentes, ambos do sexo feminino, aqui referenciados pelas iniciais de seus primeiros nomes: K. e C. A primeira escrevente tem 24 anos, é solteira e cursa Nutrição; a segunda tem 30 anos, é divorciada, tem dois filhos e cursa o terceiro ano do Ensino Médio dedicado à Educação de Jovens e Adultos – EJA.

### ASSENTANDO TEORICAMENTE A INVESTIGAÇÃO

Em nosso aporte teórico, trabalharemos com dois conceitos fundamentais: com o conceito de gênero do discurso, contemplado, basicamente, por meio das reflexões de Bakhtin (1997), e com os trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador Philippe Lejeune (2008) acerca de autobiografias de pessoas comuns.

#### O conceito de gênero do discurso na visão bakhtiniana

A Bakhtin cabe o mérito de tentar organizar o conceito de gênero do discurso, principalmente no texto “Os gêneros do discurso” (1952-1953), publicado na obra “Estética da Criação Verbal” (1997), que sintetiza noções desenvolvidas desde os anos 20 por ele e seu Círculo e lança fundamentos metodológicos para uma abordagem dialógica da linguagem. A preocupação com esse conceito surge com a constatação do autor de que os gêneros do discurso são muito variados e, por isso, essa diversidade estaria dificultando uma abordagem mais geral da natureza do enunciado. Segundo Bakhtin (1997):

Estudaram-se mais que tudo os gêneros literários. Mas estes, tanto na Antiguidade quanto na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de enunciados, com os quais contudo têm em comum a natureza verbal (linguística). (BAKHTIN, 1997, p. 280).

De acordo com Machado (2012), Bakhtin salienta a necessidade de um exame circunstanciado das práticas prosaicas que diferentes usos da linguagem fazem do discurso e não apenas das formações poéticas.

É devido à essa heterogeneidade dos gêneros do discurso e à dificuldade de definir o caráter genérico de um enunciado que Bakhtin (1997) propõe fazer uma diferenciação entre os gêneros primários (da comunicação cotidiana) e os gêneros secundários (da comunicação produzida em circunstâncias culturais mais complexas e preponderantemente escrita). Os gêneros secundários são produtos de um processo histórico de formação, através do qual os gêneros primários são absorvidos e transmutados. No entanto, como enfatizou Machado (2012), isso não quer dizer que os gêneros secundários sejam refratários aos gêneros primários, pois eles podem inserir e reinterpretar os gêneros primários dentro de sua própria estrutura, assim como o romance literário, por exemplo, introduziu o estilo conversacional em seu escopo.

O percurso de incorporação dos gêneros dialogados da oralidade para os gêneros escritos manifesta a percepção de Bakhtin sobre o processo histórico de formação e complexificação dos campos ideológicos nas sociedades complexas. Em sua obra, o autor demonstra a importância da noção de campo da atividade humana para a compreensão da natureza e a consequente classificação dos gêneros. De acordo com Bakhtin (1997):

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 261-262).

Para Bakhtin, o emprego da língua se faz sob a forma de enunciados e, portanto, ele é a unidade real da comunicação discursiva (BAKHTIN, 1997, p. 269). Fundada nos pressupostos dialógicos, a noção de enunciado, sob o prisma bakhtiniano, materializa elementos da situação enunciativa concreta e elementos sociodiscursivos estabilizados nas e pelas interações ao longo da História. É o enunciado que garante o espaço do outro na dinâmica discursiva e, por conseguinte, constitui-se do fluxo de múltiplas vozes que ecoam da alternância dos sujeitos do discurso nas situações de comunicação. É o enunciado, também,

que elucida especificidades dos campos sociais nos quais se constitui, uma vez que ele figura como unidade da comunicação discursiva.

Recorrendo à citação acima, observamos que Bakhtin apresenta três elementos essenciais do gênero discursivo: conteúdo (temático), estilo verbal e construção composicional. Ribeiro (2010) destaca que o conteúdo temático não deve ser tomado como sendo apenas o assunto focado na enunciação; sua compreensão vai mais além, uma vez que ele compreende uma multiplicidade de fatores linguísticos, textuais e discursivos que compõem o ato enunciativo. Quanto ao estilo, Bakhtin reforça a ideia de que todo enunciado tem um caráter individual e, por isso, pode refletir a individualidade do sujeito. Há gêneros, no entanto, que não permitem muitas inovações, como um requerimento, por exemplo, que apresenta elementos constitutivos mais rígidos, e gêneros mais maleáveis, exemplificados por ele com os gêneros oriundos da literatura. Portanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a refletir a individualidade de quem enuncia. Por último, a construção composicional é definida por Bakhtin (1997) como sendo “determinados tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc.” (BAKHTIN, 1997, p. 266). Podemos dizer que esse elemento trata da estruturação do texto, ou o modo como ele é organizado na sociedade, como é visivelmente reconhecido.

Portanto, de acordo com a visão Bakhtiniana, para interagirmos, diariamente, produzimos textos que seguem formas relativamente estáveis de enunciados já existentes na sociedade, ou seja, seguem os gêneros discursivos produzidos e reproduzidos em uma comunidade.

Ter uma relativa estabilidade não significa que os gêneros são fixos e imutáveis. Marcuschi (2003) faz questão de enfatizar que, na perspectiva bakhtiniana, os gêneros não são meros entes formais, mas “entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (MARCUSCHI, 2003, p. 19), o que nos permite pensar em um aspecto dinâmico e não formal dos gêneros. Assim, apesar de os gêneros mais estabilizados serem ‘reconhecidos’ por seus aspectos linguístico-textuais, não é a forma em si que ‘cria’ e define o gênero, uma vez que eles consistem em modos sociais de agir e de dizer gêneros. Por isso, para Bakhtin, eles são tipos “relativamente” estáveis de enunciados. É o estilo que garante esse caráter ao gênero, segundo o autor. No entanto, coerentemente com o princípio dialógico que rege toda a linguagem, o conceito de estilo delineado por Bakhtin

preserva a questão da alteridade tanto em relação ao outro (interlocutor) quanto aos outros enunciados a que todo enunciado remete. Podemos dizer, então, que o estilo comporta duas faces: é coletivo e individual ao mesmo tempo. É coletivo porque sempre enunciamos dentro de um gênero marcado pela tipicidade e por determinados elementos de base que se caracterizam pela permanência; é individual porque os sujeitos que por meio deles enunciam são marcados por sua singularidade. Nas palavras do autor (1997):

As palavras da língua não são ninguém, porém, ao mesmo tempo, só as ouvimos em forma de enunciados individuais, só as lemos em obras individuais, e elas possuem uma expressividade que deixou de ser apenas típica e tornou-se também individualizada (segundo o gênero a que pertence) em função do contexto individual, irreproduzível, do enunciado. (BAKHTIN, 1997, p. 312).

É necessário enfatizar que a concepção de estilo de Bakhtin não se restringe nem à análise das formas linguísticas em si, nem ao caráter psicológico do autor. Sua concepção é mais ampla, na medida em que todo e qualquer gênero do discurso constitui um estilo próprio de enunciação. Essa concepção não exclui a possibilidade do estilo individual. Ele acontece, mas há tipos genéricos que melhor propiciam sua emergência e desenvolvimento. Logo, esse estilo não é totalmente individual, uma vez que a linguagem é imanentemente dialógica.

E quanto ao diário pessoal? Revela ele ser um gênero mais padronizado ou permite ele que o sujeito expresse sua individualidade? Por ser um gênero que, conhecidamente, favorece a expressão, acreditamos que K. e C., nossos sujeitos de pesquisa, puderam imprimir nele, sem muitas amarras, a sua individualidade. Para sabê-lo e conhecer um pouco mais a respeito desses sujeitos precisamos investigar seus diários. Antes, vamos discorrer um pouco sobre esse gênero que, de tão íntimo, revela pouco de si.

## O GÊNERO DIÁRIO: UMA FORMA DE EXPRESSÃO

Contar e ouvir histórias é um dos meios mais antigos de interação humana, usado desde os primórdios da humanidade: as pessoas, reunidas, contavam e repetiam histórias, a fim de preservar suas tradições e sua cultura. Com relação à escrita de diários não é diferente. Philippe Lejeune (2008), pesquisador incontestável da autobiografia e de todas as formas de escrita íntima, afirma que a história do diário é quase tão antiga quanto à da humanidade.

Oliveira (2002), em suas pesquisas sobre esse gênero, detectou que, inicialmente, eles consistiam em manifestações públicas e comunitárias, cujo objetivo era narrar acontecimentos

inerentes a um grupo social ou feitos históricos de determinados personagens de certas comunidades: diário de bordo, de guerra, de classe. O caráter íntimo do gênero, segundo Lejeune (2008), apareceu bem mais tarde. Basicamente, os diários convertem-se em instrumentos de autorreflexão motivados pelos estudos de Freud sobre o consciente e o inconsciente, quando também se tornam instrumentos de reflexão sobre si mesmo. É nessa época que adquirem uma conotação mais feminina, por serem, em sua maioria, produzidos por mulheres motivadas pelo surgimento do romantismo como movimento cultural.

Nos últimos anos tem crescido o interesse pelos estudos sobre o diário pessoal. Grande parte dessa expansão deve-se aos estudos realizados por Philippe Lejeune a respeito dos gêneros denominados por ele de autobiográficos. Segundo Lejeune (2008):

A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima (diário, autorretrato, autoensaio). (LEJEUNE, 2008, p. 24).

Portanto, aos gêneros que expressam, por escrito, a vida de uma pessoa por ela mesma Lejeune (2013) define como autobiográficos. Dentre eles, interessa-nos o diário pessoal. O escrevente de diário vê nele um confidente. Expressões como “Querido diário” e outras criadas para direcionarem o tratamento com esse objeto são características do gênero. O diarista não escreve para um leitor específico, mas geralmente para ele mesmo. Por essa razão não existe a intenção de agradar a ninguém. Ele conta os fatos como quer, na ordem que deseja e, também, pode haver momentos em que ele oculta algo. Os textos produzidos são de caráter informal e íntimo e nos quais o sujeito reproduz experiências vividas e situadas em um tempo e lugar determinados. Como predomina o elemento subjetivo, os verbos são utilizados na primeira pessoa do singular.

A presença da data é elemento marcante, pois os registros da vida costumam ser feitos de forma cronológica. Lejeune (2008) enfatiza que a datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas ela é imprescindível. Com a data, o diarista estabelece uma entrada para a escrituração do texto e recorta um determinado tempo de sua vida.

No diário convencional, ainda mais comumente, há a possibilidade de serem inseridos elementos de recordação, como colar fotos, fixar uma flor, inserir embalagens de produtos etc., que ilustram e contam sua(s) história(s). Conforme esse ponto de vista, também ressurgem aspectos estéticos como a organização espacial das anotações particularizadas no

pequeno arquivo de intimidades. Além disso, há o contato com a caligrafia tão pessoal. Todos esses detalhes são significativos e atribuem certa singularidade ao texto no papel.

Em linhas gerais, o gênero apresenta os seguintes elementos essenciais de acordo com Pimentel (2011): tema – a escrita sobre si (confissões, segredos, inquietações; diálogo interior; escrita hermética); forma – a datação, vocativo e despedida (datação escrita à mão; vocativo e despedida carinhosos e dirigidos ao próprio diário); linguagem – o uso de 1ª pessoa, um vocabulário informal, coloquialismos e prosa narrativa (texto prolixo, volumoso; caligrafia como marca pessoal e emoção.); tempo – assíncrono (resgate da memória diária; registro feito geralmente ao final do dia); interlocução – o próprio diálogo com o diário. Leitor imaginário ou eventualmente amigos muito íntimos ou familiares autorizados; interlocutor materializado no diário; interatividade – praticamente inexistente; leitor não interfere (PIMENTEL, 2011, p. 737-738). Vale lembrar que, conforme postulou Bakhtin (1997), os elementos constituintes do gênero estão intrinsecamente ligados, formando um único corpo com o objetivo de propiciar as interações sociais. E, ao promover a análise de um determinado gênero, não há como prescindir de aspectos políticos, sociais, culturais históricos (RIBEIRO, 2010).

Qualquer pessoa pode ter um diário. Basta a iniciativa e o compromisso. O diário não tem a função de intimidar ou de criticar as atitudes de alguém; pelo contrário, é apenas um confidente, que não emite qualquer opinião. Sua função é “guardar segredo”, se o autor assim quiser. Trata-se de uma forma de registrar os sentimentos e as sensações de momentos que precisam ser eternizados, na visão de quem os escreve. O diário é, para o autor, um querido amigo, totalmente confiável.

Ao analisarmos esse gênero, devemos levar em conta seu caráter intimista: é confeccionado em uma prática invisível, por isso quase nunca se sabe de alguém que escreva diários; quase nunca se pode vê-los; raras vezes, lê-los, principalmente se o autor estiver vivo. Nele, o sujeito relata o que há de mais íntimo; às vezes, aquilo que ele não tem coragem de dizer a ninguém, por isso, muitas vezes, é vetado o acesso de qualquer pessoa a eles. Para garantir seus segredos bem guardados, muitos escodem e trancam seus diários e é justamente esse caráter de proibição que torna o gênero ainda mais instigante; suscita curiosidade.

#### APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

Como já sinalizamos, neste trabalho analisamos dois diários. Eles já foram terminados pelos seus autores, que os cederam para nossa pesquisa. Esse fato não descarta a possibilidade de os autores terem outros cadernos para darem prosseguimento ao registro de suas vidas. Sendo assim, ressaltamos que não há nenhuma influência de nossa parte na escrita desses diários.

A primeira autora, C., tem 30 anos e iniciou sua prática de escrita íntima aos 27, enquanto enfrentava um processo de separação conjugal. Ela tem dois filhos, reside na Bahia, em uma cidade localizada há 24 km da sua cidade natal e frequenta o terceiro ano do Ensino Médio dedicado à Educação de Jovens e Adultos – EJA. A segunda autora, K., tem 24 anos, é solteira, também reside na Bahia, há trezentos quilômetros da sua cidade natal e atualmente é estudante do curso universitário de Nutrição. K. escreve diários desde os 13 anos, mas esses primeiros volumes foram queimados.

Para empreendemos nossa análise, lemos os diários em busca de elementos que respondessem aos nossos questionamentos. Em outras palavras, através dessa leitura buscamos elementos linguísticos e/ou discursivos que nos revelassem acerca desses sujeitos e da escrita deles e também do gênero em si. Separamos as partes que nos chamaram a atenção e as fotografamos para que pudéssemos ilustrar a discussão. Apresentamos as análises de maneira individual, a fim de traçarmos um perfil de cada escrevente, em particular, e da escrita deles.

Por último, além da análise dos corpora disponíveis, acrescentamos à pesquisa uma entrevista gravada em áudio, com os próprios sujeitos, questionando-os a respeito dos momentos de seu texto recortado para a análise, no intuito de que os próprios sujeitos comentassem sobre eles.

Passemos, então, à investigação desses diários.

## DESVENDANDO OS SEGREDOS DOS DIÁRIOS

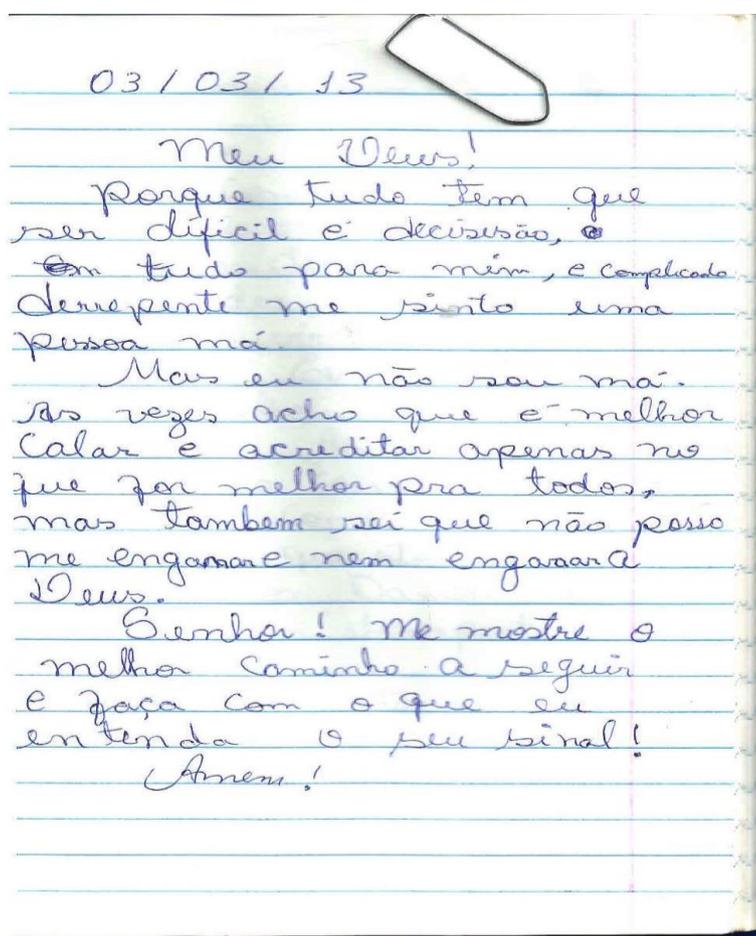
Vamos começar nossa investigação pelo diário escrito por C. Ao emprendermos a investigação do segundo diário, escrito por K., são inevitáveis as comparações com o diário anterior, até porque já teremos elementos que nos permitirão assim proceder.

O diário de C.

C. nos cedeu apenas um diário para a análise. Ele foi escrito em um caderno pequeno, de capa azul dura, com 96 folhas. Antes de tornar-se diário, C. anotava nele informações escolares de seu filho, como seus horários de aulas, recados dos professores e dos diretores da escola. Ela usou 06 folhas, frente e verso, para esse fim. Depois o reaproveitou como diário. Restaram 23 folhas em branco. A escrita foi iniciada no dia de 08 de janeiro de 2013.

Assim que o abrimos, percebemos que ele apresenta características bem tradicionais do gênero: folha de fundo branco, escrito apenas com caneta azul, não traz fotos nem ilustrações, apresenta uma estrutura composicional também mais prototípica, como datação escrita à mão, vocativo, relato do dia e despedida. Podemos observar essas características na figura 1, abaixo:

Figura 1: características do diário escrito por C.



Fonte: banco de dados da pesquisadora.

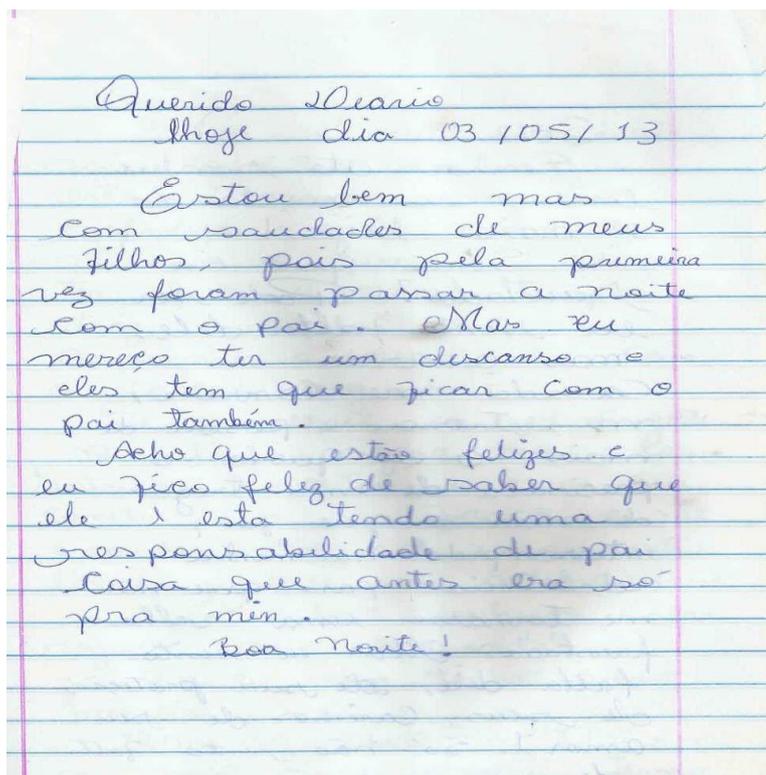
Embora a estrutura do gênero diário costume não ser rígida, o uso de vocativo logo após a data tem presença constante. Geralmente ele é direcionado ao próprio diário e costuma trazer expressões como “querido diário”, como vimos. O vocativo escrito por C. nos chamou

a atenção e nos convidou a olhar para esta página. Ele está direcionado a Deus: Meu Deus! Ao ler o conteúdo do texto que vem em seguida, vemos que ele faz uma reflexão sobre algo que C. não esclarece, mas que a atormenta, por isso ela recorre a Deus como confidente. C. termina o texto fazendo um pedido a Deus: para que Ele lhe mostre o caminho que deveria seguir, diante dos infortúnios daquele momento. O fechamento do texto também não é trivial: C. termina o texto com “Amém”. Vemos que C. faz aqui uma oração, diferentemente das confidências sobre si que caracterizam o diário, pois ela conversa com Deus, expressando-Lhe suas aflições e incertezas perante a vida e fazendo-Lhe um pedido de ajuda. Ela própria confirma essa informação, na entrevista que fizemos com ela, posteriormente, questionando-a sobre esses momentos de sua escrita que recortamos: “quando eu digo ‘Senhor’, normalmente, é o momento em que, naquela hora, eu estava falando com Deus. E é como se eu tivesse fazendo uma oração, só que aí, eu registrei”. Portanto, acreditamos que, nesse momento, C. inclui em seu diário muito mais do que interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos; ela registra o âmago de seu ser, ao falar com Deus.

Veja-se que, aliado à vontade de exteriorizar as histórias que já não podem ser silenciadas, há um desejo desmedido de escrever e o diário é o suporte para concretizar esse desejo. Lejeune elenca quatro funções do diário: “sem esquecer que pode haver outras e que um diário real preenche várias funções ao mesmo tempo. Trata-se da expressão, da reflexão, da memória e do prazer de escrever” (LEJEUNE, 2008, p. 275). Nesse caso, C. quer usá-lo para orar, para servir de mediador entre ela e Deus. Essas preces aparecem em outros momentos do diário, perfazendo um total de seis páginas.

Como a figura acima já adianta, notamos a prevalência de uma estrutura mais convencional do gênero, no diário escrito por C. Vejamos mais um exemplo de seu caderno:

Figura 2: estrutura composicional do diário escrito por C.



Fonte: banco de dados da pesquisadora.

Nesse exemplo, temos a presença da data, do vocativo e da despedida, mas todos esses elementos estão direcionados ao próprio diário e não mais a Deus. Notamos que C. inicia a escrita desse dia com o vocativo e somente depois insere a data. A datação geralmente aparece primeiro, mas, nesse caso, C. provavelmente lembrou de colocá-la depois. Veja que ela ratifica a necessidade da inserção da data com o advérbio “hoje”: hoje dia 03/05/13, o que nos leva a concordar com Lejeune (2008): “um diário sem data, a rigor, não passa de uma simples caderneta. A datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital” (LEJEUNE, 2008, p. 260).

O vocativo “Querido diário” e a despedida direcionada ao próprio diário, “Boa noite”, indicam uma estrutura bastante prototípica desse gênero do discurso (OLIVEIRA, 2002; PIMENTEL, 2011). Esse tipo de vocativo é tão solidificado que virou título de uma série de livros do gênero infanto-juvenil do escritor e ilustrador estadunidense Jim Benton, chamada “Querido diário otário”. A série já conta hoje com 13 livros e é sucesso nessa faixa etária.

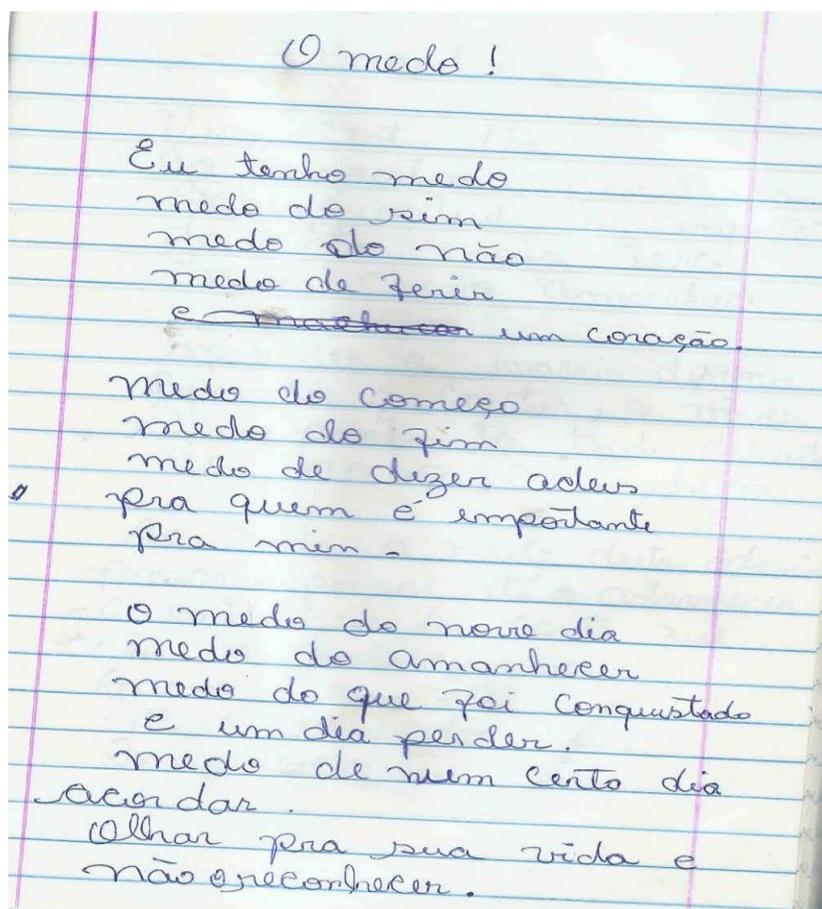
Quanto ao conteúdo do relato, nesse último exemplo, também é mais prototípico: C. expressa seus sentimentos, emoções e pensamentos, ao passar pela experiência de deixar os filhos dormirem na casa do pai, pela primeira vez. Ao mesmo tempo em que ela sente certa angústia pela situação, tenta escapar do vazio deixado por ela, com a escrita. A própria C. nos

diz, na entrevista: “quando eu digo ‘querido diário’ é porque realmente é querido. É só meu”. É como diz Blanchot (2005): “escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado” (BLANCHOT, 2005, p. 273).

Portanto, o vocativo, no diário de C., revela funções distintas: prece ou relato. Ao dirigir-se a Deus, ele cumpre o objetivo de oração, de uma prece, serve para iniciar um diálogo com Deus; ao dirigir-se a ele próprio, cumpre a função de confidente, de amigo, como a própria autora esclarece: “É como se eu tivesse falando com alguém. Como se eu tivesse ali desabafando com alguém no momento em que eu escrevi”.

Outro detalhe que nos chamou a atenção foi a presença de poemas de autoria da própria autora, em seus diários, como ilustra o exemplo abaixo:

Figura 3: presença de poemas autorais no diário escrito por C.



Fonte: banco de dados da pesquisadora.

O poema acima, intitulado “O medo”, foi escrito após o registro de uma conversa travada entre a autora e o esposo. Nessa conversa, eles trataram da possível separação conjugal e C. não consegue dar uma resposta ao companheiro. No poema, ela discorre sobre as razões pelas quais ainda não havia tomado a decisão final sobre esse assunto: basicamente, o medo de uma decisão equivocada. Nesse caso, C. se apropria do gênero poema como desabafo, afirmação, autoconhecimento, reflexão. Ele se une à função do diário de registrar os fatos marcantes do dia. É interessante ressaltar que muitos diaristas incorporam canções e poemas aos seus diários, mas geralmente esses textos não são autorais, como no caso de C. Os poemas escritos por ela também são compostos no ato da narração, como ela própria nos explica: “naquele momento mesmo, [e ele] não está escrito em outro lugar nenhum, então eu registro ali mesmo”. Além disso, C. esclarece que a incidência ou ausência de poemas “dependem do que eu estou pensando no momento”.

Vejamos, agora, os exemplos que separamos do diário escrito por K.

O diário de K.

Diferentemente de C., K. utiliza uma agenda do ano de 2009 como suporte para seu diário. Trata-se de uma agenda de capa plástica, toda em tons de rosa, como se pode ver pela figura 4, abaixo. Conforme consta em uma dedicatória existente na agenda, ela foi presenteada por familiares.

Figura 4: características do diário escrito por K.



Fonte: banco de dados da pesquisadora.

Como podemos ver, K. aproveita a data já impressa em cada página e a recheia com suas vivências diárias. Há uma regularidade “religiosamente” marcada no tempo investido para escrever. Todos os dias dessa agenda estão preenchidos. Parece que o fato de uma agenda ser um suporte com cada dia delimitado em uma página, há a “exigência” que a autora os preencha, mesmo que seja com uma frase, um pensamento.

O fato mais marcante do dia é destacado com caneta rosa e com iniciais maiúsculas: o “2º Dia de Noivado”, e é a partir desse tema que os acontecimentos são narrados. Há registros inseridos também nas laterais da página, conforme indicamos com as setas em preto, na figura

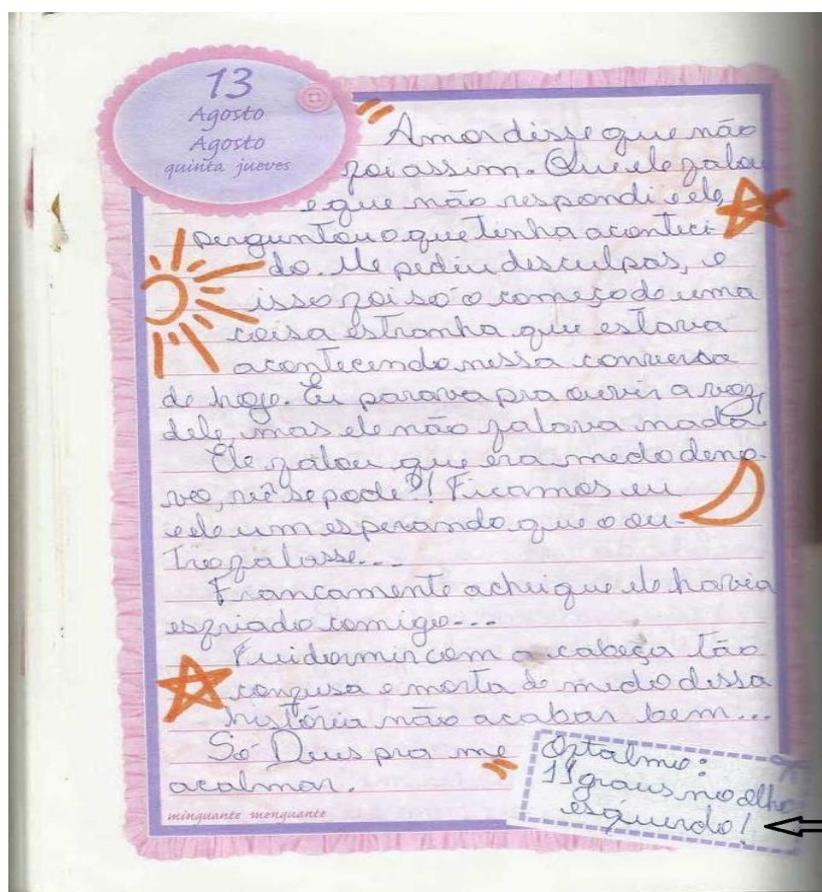
4: “Ninguém viu, mas, foi tão bom dormir com meu amor”, “Simplesmente tudo” e “O melhor dia da minha vida”. As frases aludem ao primeiro dia em que a autora e o noivo dormiram juntos e perderam o horário de retorno para casa. Diante dessa aventura, ela destaca, por meio dessas frases, os sentimentos desse momento. Vemos que K. tem liberdade para configurar seu diário de maneira bem subjetiva, acrescentando frases laterais, pensamentos, exclamações, figuras etc.; o gênero a permite assim proceder.

Como também podemos notar na figura 4, outros elementos entram na composição de seu relato, como a embalagem de chocolate inserida em cima do texto. Nem sempre há a descrição do motivo daquele objeto estar onde foi colocado. Em resposta ao uso desses recursos, na entrevista que fizemos, K. nos dá o motivo: “que eu lembre, assim, na maioria das vezes, era para ficar mais cômica história ou ficar mais alegre as páginas, mais divertidas de ver.” No decorrer da narração desse dia, não há nenhuma referência a essa embalagem, nem indicação se o chocolate foi consumido naquela data. A embalagem parece de fato estar aí para tornar as páginas mais interessantes visualmente, conforme a autora nos disse.

Sentimos falta do vocativo e da despedida, comuns aos diários. Talvez esses elementos não apareçam por seu diário ser escrito em uma agenda, já pré-configurada com datas. Neste momento, lembramos das reflexões de Marcuschi (2003), quando observou que os gêneros “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais” (MARCUSCHI, 2003, p. 20). O fato de K. não colocar vocativo e despedida não descaracterizou o gênero, pois facilmente o reconhecemos como diário pela função que exerce: registrar experiências pessoais e observações passadas.

Outro ponto que chama a atenção é a frase que K. insere ao final da narração, aproveitando-se de um espaço existente no final da agenda, em forma de retângulo. Nessa imagem que estamos analisando, o enunciado “o melhor dia da minha vida” está operando como uma espécie de resumo das emoções sentidas naquele dia. Em outras páginas, esse espaço é preenchido com outros objetivos. Vejamos um deles, abaixo:

Figura 5: lembretes inseridos no diário escrito por K., ao final da página.



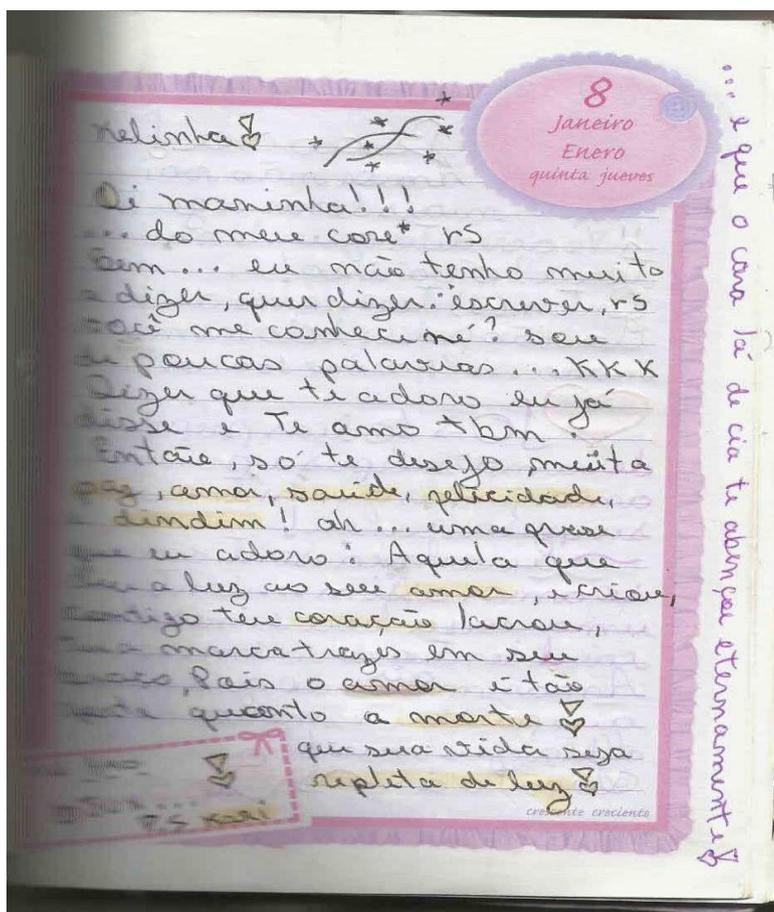
Fonte: banco de dados da pesquisadora.

A narração desse dia trata de um mal-entendido entre K. e seu noivo. Nela, K. relata o assunto sobre o qual conversaram e a impressão que ela teve sobre o desentendimento. Ao término da narração, K. mostra-se angustiada diante da situação. O espaço anteriormente preenchido para resumir o dia, o retângulo existente no final da página, agora é preenchido para registrar o resultado de um exame oftalmológico que indicou “11 graus no olho esquerdo”. Sobre os motivos que a levaram a fazer esse registro, K. nos conta, na entrevista, que: “tinha um espaço vazio que era bonitinho, e eu adoro coisas bonitinhas... e também ou era pra deixar mesmo um resumo do que tinha acontecido no dia, pra eu saber o que que aquele dia tratava antes de ler, ou também pra deixar mais cômico, só pra reforçar alguma ideiazinha, que nem tem lugar que só tem ponto de exclamação, coração partido e essas coisinhas aí. Só pra deixar mais bonitinho”. Ou seja, o espaço existia na agenda e seu preenchimento deixava o diário mais interessante, além de ele funcionar como uma espécie de

resumo/apanhado da narração do dia. Era intenção da autora configurar um diário mais atrativo.

Outro item que nos chamou a atenção foi a inserção no diário da escrita de terceiros. K. permite que outras pessoas pertencentes ao seu meio façam relatos, insiram dedicatórias ou mensagens direcionadas a ela. A figura 6, abaixo, retrata uma página do diário que foi escrita por sua irmã:

Figura 6: página escrita pela irmã de K.



Fonte: banco de dados da pesquisadora.

O texto é composto por votos de felicidade e de paz. Ao observarmos a configuração da página, vemos que ela se assemelha à maneira como a própria K. configura seu diário: com símbolos ilustrativos, destaques em cores e o preenchimento da lateral da página. Ao longo do diário, há outras mensagens escritas por pessoas diferentes. Essa abertura que K. faz para que outros escrevam em seu diário nos chamou a atenção e a questionamos sobre isso, na entrevista. Ela respondeu que: “isso é bem antigo! Eu deixei escrever porque eu queria saber o que passava com ela naquele naquela época, mas é só!”.

Nesse caso, K. permite a presença de interlocutores. O círculo de amigos e de parentes participa da construção de seu diário, o que faz com ele seja publicizado. Essa inserção de outros na sua construção diarística nos fez refletir acerca da função íntima do gênero. Afinal, quando se permite que alguém escreva no diário, imediatamente a escrita deixa de ser sigilosa. Ao mesmo tempo, alguns fatos podem ser lidos, ainda que rapidamente, por essa pessoa. Esse é mais um exemplo que mostra o quanto o diário é um gênero que permite ao autor a inserção de seu estilo próprio e particular. Por ser sua principal característica o relato intimista de acontecimentos relacionados com seu autor, o conteúdo de um diário geralmente é inacessível aos demais. No entanto, K. permite que outros manuseiem seu diário e escrevam nele. Portanto, em conformidade com a visão bakhtiniana sobre gêneros do discurso que tem norteado este trabalho, podemos dizer que os sujeitos podem reformular os gêneros e empregá-los com criatividade e liberdade, na extensão em que possuem domínio sobre eles. Segundo Bakhtin (1997), na medida em que os indivíduos gerenciam os gêneros, eles são capazes de perceber nesses a sua individualidade, refletindo de forma mais precisa o seu querer-dizer, e de maneira mais flexível o caráter singular e único da comunicação verbal, ou seja, “realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto do discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 285). Portanto, novos gêneros surgem de acordo com as necessidades das práticas sociais da linguagem. Marcuschi (2010) lembra a infinidade de gêneros que surgiram na mídia virtual, nas últimas décadas, tais como o e-mail, o chat, o blog etc. Esses gêneros emergentes apresentam uma estreita relação com outros já existentes. Contudo, eles foram configurados para um discurso eletrônico e, desta forma, apresentam características particulares e próprias da mediação presente na mídia virtual, o que lhes confere o caráter de novos.

Para não extrapolarmos os limites de tempo e de espaço nos quais esta discussão é concebida, precisamos encerrá-la, deixando registrado, no entanto, que nem de longe as possibilidades foram todas apontadas, exploradas, desenvolvidas. De qualquer forma, procuramos olhar para o interior da escrita dos dois diários que nos propusemos analisar buscando entender um pouco mais de sua estrutura, unidades, formas e também conhecer um pouco mais a respeito dos sujeitos que os escreveram e suas motivações, o que nos leva a saber um pouco mais a respeito do próprio gênero em si.

O fechamento dessa discussão que travamos na análise dos dois diários feita acima deixamos para as considerações finais, abaixo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, partimos da noção de gênero do discurso proposta por Bakhtin (1997) para investigar um gênero pertencente ao campo autobiográfico, o diário pessoal, porque a definição do autor nos permite fazer uma aproximação entre sujeito e gênero do discurso e também porque Bakhtin os visualiza como “relativamente estáveis”, dando a esse sujeito a possibilidade de criar e modificar um gênero. Assim, o sujeito se apropria da linguagem e se constitui inscrito em algum gênero discursivo determinado, vinculado a algum campo da atividade humana, que possui uma realidade discursiva, é plural, é heterogênea e está em constante interação social, ideológica e verbal.

Especificamente sobre o gênero diário pessoal, utilizamos, basicamente, os conceitos oriundos das investigações feitas por Lejeune (2008), para quem esse gênero (o diário) apresenta algumas características muito próprias, como o uso da data, a despreocupação com a linguagem e o caráter intimista, por se tratar de um texto pessoal e, geralmente, sem interesse em torná-lo público. Vimos, com a análise dos dois diários que nos propusemos investigar que o objetivo dessa escrita diária é recordar experiências, aliviar tensões, permitir o autoexame, relatar grandes acontecimentos, exaltar qualidades e valores, estimular o aprimoramento pessoal e demonstrar capacidade de autocontrole. A escrita de diários pode, segundo Schittine (2004), ser motivada por algumas situações que o autor possa estar vivenciando no momento, como, por exemplo, desafetos, angústias e tantas outras que farão alterações na sua maneira de comunicar naquele momento. Este foi o caso de C. que decidiu escrever o diário em um momento de separação conjugal. As angústias e apreensões desse momento fizeram com que C. colasse seu diário na posição de um amigo de que tanto necessitava e como um meio de interlocução entre ela e Deus, elevando o diário à categoria de oração. Seu diário foi escrito de maneira mais tradicional, em um caderno de capa dura azul, pequeno, com tinta azul, e são puramente as palavras que contornam a oração/prece secreta, as reflexões que faz e as poesias que ela mesma elabora, trazendo um gênero também intimista para configurar seu próprio íntimo.

No diário de K, por sua vez, surgem aspectos estéticos como a organização espacial das anotações e a incorporação de embalagens de produtos para enriquecer os relatos, vestígios que despertarão sensações e provocarão sua memória e imaginação. Além de registrar a própria vida, K. quer fazê-lo de maneira divertida, segundo nos contou, na entrevista que fizemos com ela, construindo uma imagem também divertida de si mesma. Talvez isso explique o porquê de ela deixar que outras pessoas manuseiem seu diário e escrevam nele; é como se K. quisesse que as pessoas vissem a sua organização, a regularidade com que escreve, o capricho na letra e conheçam o seu estilo de escrever diário. O que deve ser íntimo, K. desvirtua e, ao inserir sua personalidade, contribui para a desestabilização do gênero.

Portanto, todos os detalhes impressos pelo autor de um diário, durante sua escrita, são significativos e atribuem certa singularidade ao texto no papel.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.
- \_\_\_\_\_. A autobiografia e as novas tecnologias de comunicação. Conferência. Juiz de Fora: *Darandina Revisteletrônica* – Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFJF, v. 6, n. 1, 2013.
- MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin – conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 151-166.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.
- \_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diários Públicos, Mundos Privados: o diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diaros-publicos-mundos-privados.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

PIMENTEL, Carmen. A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7, 2011, Curitiba. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*. Curitiba: Abralín, 2011, p. 728-741.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. Funcionamento do gênero do discurso. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.1, n.3, p. 54-67, 1º sem. 2010.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.